

EDUCAÇÃO DE TRABALHADORES NOS ESCRITOS PRÉ-CARCERÁRIOS DE ANTONIO GRAMSCI

EDUCACIÓN DE LOS TRABAJADORES EN LOS ESCRITOS PRE-CARCELARIOS DE ANTONIO GRAMSCI

EDUCATION OF WORKERS IN THE PRE-PRISON WRITINGS OF ANTONIO GRAMSCI

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v18i1.65569>

Júlio César Apolinário Maia¹

Resumo: O texto investiga o tema da educação de trabalhadores a partir da concepção de mundo de Antonio Gramsci. Focaliza textos e relatos sobre experiências educacionais que esse intelectual protagonizou nos anos que antecederam o seu enclausuramento. Concentra reflexões em quatro textos, publicados em jornais operários, e um depoimento, localizados entre 1915 e 1917, para o aprofundamento de elementos sobre a educação das classes trabalhadoras: a orientação ao interesse dessas classes, a superação de uma concepção pedagógica propedêutica, o papel da escuta e do diálogo e a percepção dos lugares de prática. O esforço de síntese compreende a existência de limites em relação ao período redacional escolhido para a seleção dos textos, ausentes ainda do imperativo revolucionário que se afirmaria nos escritos de Gramsci após a Revolução de Outubro, mas constata a relevância de sua posição na defesa dos direitos das classes trabalhadoras.

Palavras-chave: Gramsci, Antonio. Educação de trabalhadores. Escritos jornalísticos.

Resumen: El texto investiga el tema de la educación de los trabajadores desde la concepción del mundo de Antonio Gramsci. Se centra en textos y relatos sobre experiencias educativas que este intelectual protagonizó en los años previos a su encarcelamiento. Se concentra en reflexiones a partir de cuatro textos, publicados en periódicos obreros, y un testimonio, ubicados entre 1915 y 1917, para profundizar en elementos sobre la educación de las clases trabajadoras: la orientación hacia los intereses de estas clases, la superación de una concepción pedagógica propedéutica, el papel de la escucha y el diálogo, y la percepción de los lugares de práctica. El esfuerzo de síntesis comprende la existencia de límites en relación con el período redaccional elegido para la selección de los textos, aún ausentes del imperativo revolucionario que se afirmaría en los escritos de Gramsci tras la Revolución de Octubre, pero constata la relevancia de su posición en defensa de los derechos de las clases trabajadoras.

Palabras clave: Gramsci, Antonio. Educación de trabajadores. Escritos periodísticos.

Abstract: The text investigates the topic of workers' education from Antonio Gramsci's worldview. It focuses on texts and accounts of educational experiences led by this intellectual in the years preceding his imprisonment. It concentrates reflections on four texts, published in workers' newspapers, and one testimony, dated between 1915 and 1917, to deepen elements regarding the education of the working classes: the orientation towards their interests, the overcoming of a propaedeutic pedagogical conception, the role of listening and dialogue, and the perception of practice settings. The synthesis effort acknowledges the limitations regarding the editorial period

chosen for text selection, still devoid of the revolutionary imperative that would later emerge in Gramsci's writings after the October Revolution, but confirms the relevance of his stance in defending the rights of the working classes.

Keywords: Gramsci, Antonio. Workers' education. Journalistic writings.

Introdução

Este trabalho, fruto de reflexões derivadas de investigação acadêmica em nível de doutorado em Educação (Maia, 2024; 2026), realizada na Universidade Federal de Goiás, tem o objetivo de apontar implicações e proposições extraídas do percurso político e pedagógico de Antonio Gramsci nos anos que antecederam o regime carcerário a que foi submetido, para se pensar a educação de trabalhadores.

É sabido, a partir do que se convencionou chamar de escritos políticos, jornalísticos ou pré-carcerários de Gramsci, que as experiências movidas por esse intelectual sardo, a partir da imprensa operária (*Avanti! turinese*, *L'Ordine Nuovo*, *Il Grido del Popolo* etc.) e dos programas partidários (círculos de trabalhadores, associações de cultura, Clube de Vida Moral, Escola de Cultura e Propaganda Socialista, Escola do Partido por correspondência etc.) orientadas ao incentivo da cultura proletária, que o tema da educação, instrução e mobilização de trabalhadores sempre esteve entre as suas mais evidentes preocupações (Fiori, 1979; Mayo, 2004; Baldacci, 2017; Benedetti; Coccoli, 2018; Fresu, 2020; D'Orsi, 2022; Tramma, 2022; Maia, 2024; 2026).

Fiori (1979), Fresu (2020) e D'Orsi (2022), por meio de extensas e cuidadosas biografias dedicadas à vida do intelectual sardo, notabilizam como a educação de trabalhadores sempre esteve entre os seus objetivos. Ora nos programas partidários, jornais ou manifestações políticas; ora no cárcere, vide estratégias de mobilização entre os presos em distintas situações e com diversos propósitos, como também por meio de diálogos em cartas sobre temas que exercitavam a sua preocupação com a instrução das classes de trabalhadores.

Baldacci (2017), Benedetti e Coccoli (2018) e Tramma (2022), por sua vez, elucidam o papel do fenômeno educativo no pensamento de Gramsci, atualizando o debate sobre filologia e tradutibilidade da obra gramsciana ao considerarem o avanço dos estudos que se dedicam ao cuidado diacrônico, mas também sincrônico, do seu legado.

Esses teóricos que no campo da educação introduzem reflexões a partir do legado de Gramsci, viabilizam proposições como as de Mayo (2004) e Maia (2024, 2026), que objetivam pensar a educação das classes trabalhadoras em diferentes, mas articulados, instantes da trajetória de vida deste intelectual.

É conveniente pensar, portanto, num desencadeamento para o estudo do tema da educação de trabalhadores em Gramsci. A criteriosidade biográfica, filológica e de tradutibilidade, possibilitada pelo avanço dos estudos biográficos, mas também por aqueles de temáticas específicas ponderadas pelo referido intelectual ao longo de sua trajetória de vida, pode ser interpretada como anúncio metodológico percorrido pela tese que deu origem a constituição do texto em tela.

Do ponto de vista do sincronismo, um dos pilares metodológicos da tese que origina o presente artigo (Baldacci, 2017; Maia 2024, 2026), a educação das classes trabalhadoras assume, dentre os problemas educacionais que assolam o nosso país, um expressivo valor de tradutibilidade. Em nossos dias, a educação brasileira, e em especial a das classes trabalhadoras, demarcada pelo acesso público e gratuito, representa um campo de disputa que envolve forças movimentadas por instituições e agentes da sociedade civil e política internas e externas ao nosso país. Não é novidade que dentre essas forças, aquelas associadas aos interesses de organismos multilaterais e agências privadas, têm ganhado espaço e favorecido o engrandecimento de um discurso empresarial ao lado da educação pública.

É da necessidade de contestar o lugar-comum encontrado por esses organismos e agências no fomento da educação das classes trabalhadoras brasileiras, que a revisita aos escritos pré-carcerários de Gramsci, motivados pela tese supracitada, e em particular o recorte de alguns de seus achados sintetizados em proposições para a educação dessas classes, emerge.

Os procedimentos metodológicos da tese que originou os achados aqui expostos, em forma de recorte, e que, portanto, também representam os procedimentos que o constituem, identificam-se com os instrumentos de uma pesquisa bibliográfica e documental, que teve, como acervo para a elaboração dos respectivos processos de análises e sínteses, os textos escritos por Gramsci nos anos que antecederam o cárcere², os registros de depoimentos de personalidades que protagonizaram as suas experiências com a educação das classes trabalhadoras e as informações contidas em obras de cunho biográfico sobre a vida e o legado deste intelectual.

A fim de sintetizar os achados da pesquisa no tocante ao recorte deste artigo, cabe destacar, dentre as implicações e proposições para a educação de trabalhadores, essencialmente, 1) o imperativo de que essa educação esteja conformada ao interesse das classes trabalhadoras; 2) também a importância de que esta educação avance sobre uma concepção propedêutica, abandonando a exclusividade de uma orientação pedagógica ao aprendizado e substituindo-a, ao modo gramsciano, pela sua combinação com a formação moral do indivíduo; 3) ainda a afirmação da escuta e do diálogo, na contraposição a um processo linear de ensino e aprendizagem, que possibilite a ampliação da relação entre mestre e aluno; 4) e a percepção dos lugares de prática, condutores de distintas, mas igualmente importantes, iniciativas pedagógicas, ora combinadas à noção de Gramsci de trabalho de propaganda evangélica³, ora à noção de trabalho de criação.

Pretende-se, nas seções próximas, explorar individualmente os referidos pontos, a fim de que contributos para se pensar a educação de trabalhadores sejam viabilizados. Para tanto, a contextualização das principais experiências de Gramsci com a imprensa operária e programas partidários ligados à educação de trabalhadores, destacando trechos de sua redação e da expressão de depoentes que com ele conviveram, ao lado de reflexões que suscitem os quatro elementos apresentados (orientação ao interesse, superação de uma concepção pedagógica propedêutica, papel da

escuta e do diálogo e percepção dos lugares de prática), toma a forma de um plano redacional para esta proposta.

Educação de trabalhadores orientada ao interesse dos trabalhadores

Da implicação disposta no título desta primeira seção, que converge o fenômeno educativo ao interesse das classes trabalhadoras, pode-se afirmar, preliminarmente, que para Gramsci toda forma de instrução destinada aos grupos de trabalhadores deve se associar ao conformismo que possibilita o reconhecimento de seu papel no processo de produção da cultura humana, tanto no processo de produção quanto reprodução da vida. Trata-se da necessidade, concebida ao papel da educação das classes trabalhadoras, da afirmação de sua personalidade histórica⁴.

As determinações históricas, no entanto, que implicam a viabilidade de uma educação de trabalhadores, conformada ao reconhecimento e afirmação da personalidade histórica, não devem interferir radicalmente nessa constatação. Não deve se admitir que as relações de produção, condicionadas pelo grau de avanço ou retrocesso das forças produtivas das classes trabalhadoras, inviabilizem a afirmação de sua personalidade histórica. O papel da educação para essas classes, exercitado por Gramsci em, especialmente, experiências dos anos que antecederam o cárcere, identifica-se com tal assertiva.

Desde os seus primeiros registros jornalísticos, associados ao movimento dos círculos de trabalhadores turinenses, em que se nota a preocupação com a formação e instrução das classes trabalhadoras para a manifestação, contra o determinismo burguês, dos seus mais diversos direitos, é perceptivo o modo como Gramsci demarca a personalidade histórica frente às adversidades que acometiam as classes trabalhadoras. Por óbvio, a reclamação dos direitos dessas classes passa a ser substituída pela afirmação de um novo projeto de sociabilidade, no curso dos seus escritos mais recentes, todavia a máxima da personalidade histórica enquanto ferramenta da educação de trabalhadores, frente às determinações das relações de produção e das forças produtivas, sempre se manifestou.

A afirmação de uma personalidade histórica, enquanto interesse das classes trabalhadoras condicionado à sua educação, pode ser vista em escrito de 29 de dezembro de 1916, intitulado “A Universidade Popular”⁵, em que Gramsci critica o enciclopedismo desse modelo de instituição de cultura dos grupos trabalhadores ao passo em que reclama pelo direito a uma educação transformadora, e não legitimadora, da ordem social.

Para Gramsci, não é a partir do espírito de beneficência, próprio das universidades públicas regulares, que deve se dar a condução de qualquer escola ou clube de incentivo à cultura para trabalhadores. Não é seguindo o modelo das instituições de cultura existentes, ou negligenciando o fato de os sujeitos que buscam frequentar as Universidades Populares desconhecerem um trabalho de educação formal precedente, que deve ser pensada e conduzida a educação de trabalhadores (Gramsci, 2022).

Utilizando-se da experiência universitária para dialogar com o seu leitor, Gramsci mostra que reside no ato de aprender o disciplinamento do espírito de pesquisa, o controle dos métodos e de uma impulsividade amadora. Esse disciplinamento e controle ocorrem, explica, a partir de um longo e difícil caminho, que envolve tentativas, erros e acertos. O enciclopedismo das Universidades Populares, explica aos leitores, exime-as da responsabilidade de desenvolver essa disciplina e controle nos sujeitos que a frequentam (Gramsci, 2022).

As Universidades Populares não se preocupavam, diferente dos círculos e veículos de imprensa operária de que Gramsci participava, com a elevação moral e intelectual dos sujeitos trabalhadores que as frequentavam. Não se preocupavam com o valor da experiência, do estímulo à comunicação ou da criação de um intercâmbio cultural e científico entre os aprendentes, para a chegada ao conhecimento. Nada do que Gramsci praticava, podia ser observado nessas instituições, o que o fez orientar seus leitores à seguinte denúncia, direcionada aos dirigentes dessas instituições:

Não entendem que a Universidade Popular [...] se reduz a um ensinamento teológico, a uma renovação da escola jesuítica, na qual o conhecimento vem apresentado como algo de definitivo, de apoditicamente indiscutível. [...] Já estamos persuadidos de que uma verdade é fecunda somente quando se fez um esforço para conquistá-la. Que a verdade não existe em si e por si, mas foi uma conquista do espírito, que se deve reproduzir em cada indivíduo singular, aquele estado de ansiedade que atravessou o estudioso antes de alcançá-la. Portanto, os professores que são mestres dão uma grande importância, no processo educativo, à história de sua matéria (Gramsci, 2022, p. 229-230).

A figura do mestre contradiz as Universidades Populares. Nele está contida a necessidade de provocar e induzir o sujeito que aprende ao conhecimento, de o induzir a se reconhecer no processo. O ensino, de tal modo desenvolvido pelo mestre, torna-se ato de libertação, porque permite ao sujeito que aprende atribuir sentido ao deslocamento entre estágios inicial e final do processo de aprendizado. Nas Universidades Populares criticadas por Gramsci, o conhecimento se encontrava distante do sujeito aprendente, possuía existência própria e a ele recusava qualquer possibilidade de vínculo ou reconhecimento (Gramsci, 2022).

Na medida em que acabava por atribuir pouco ou nenhum valor ao conhecimento, o sujeito deixava de se reconhecer no processo educativo e afastava de si qualquer manifestação de liberdade. Encontrava-se, nas Universidades Populares, impossibilitada a máxima da personalidade histórica na condução da educação das classes trabalhadoras, exatamente porque os seus interesses eram invalidados por aqueles dos grupos sociais dominantes, a partir da aderência ao enciclopedismo acadêmico e da negligência ao cuidado com elementos de processos educativos para trabalhadores, como experiência, comunicação e intercâmbio cultural.

A experiência de Gramsci nas iniciativas para a educação de trabalhadores ensina como a leitura dos processos históricos se faz importante, frente aos novos desafios, a possíveis formas de manifestação dessas iniciativas. A percepção da oscilação entre a possibilidade e a realidade é de

fundamental importância para que momentos de avanços, mas também de retrocessos, sejam assimilados. Para que não se perca de vista, especialmente frente às adversidades dos momentos de retrocessos, a essencialidade contida na máxima da afirmação da personalidade histórica a cada sujeito envolvido no processo educativo.

O reconhecimento de uma personalidade histórica ao sujeito implica também o reconhecimento do outro em igual condição. Isso é fundamental para a conscientização acerca do trabalho coletivo sobre o qual se articula a manifestação de uma nova forma de organização e produção da vida.

Superação de uma concepção pedagógica propedêutica⁶

O desdobramento, em termos de prática político-pedagógica de Gramsci, do confronto aos organismos italianos referenciados na instrução das classes trabalhadoras, em que se podem destacar a Universidade Popular, mas também a escolarização fundamentada pelos veículos burgueses da imprensa, carrega características fundamentais a serem resgatadas para a compreensão da superação de uma concepção pedagógica propedêutica, outro elemento importante para pensar, do ponto de vista gramsciano, a educação das classes trabalhadoras.

Na contramão dessa concepção podem ser vistos os seus escritos, que antes de informações, eram fontes de conhecimento e, para além da comunicação, tinham também propósito educativo.

Para ele, ainda num de seus primeiros escritos, “A luz que se apagou”⁷, de 20 de novembro de 1915, a escrita de um mestre reconhece nos sujeitos aprendentes o meio e a finalidade do conhecimento e, por isso, ensina com propósito, e não de forma arbitrária, e em relação orgânica com o seu leitor (Gramsci, 2022). Logo, notou o valor do jornalismo, não somente na informação ou veiculação propagandística, que pode ser aproximada da noção propedêutica de educação, mas na educação libertadora das classes trabalhadoras.

Essa percepção, a respeito do valor do jornalismo, fica evidente em texto de denúncia às assinaturas dos jornais burgueses, publicado no dia 22 de dezembro de 1916 e intitulado “Os jornais e os operários”⁸. Nele, apesar do teor de súplica que carrega um texto político, Gramsci expressou e, ao mesmo tempo, sustentou em teoria as ações reivindicadas, ao propor ao leitor uma reflexão sobre “[...] a importância e a gravidade [...] [do] ato aparentemente tão inocente que consiste em escolher o jornal que se pretende assinar [...]” (Gramsci, 1976, p. 95).

O tom “maieutico” dos seus textos (Fiori, 1979, p. 129), que nalguma medida explicitava sua vontade pelo diálogo com as classes trabalhadoras, encontrava-se na ultrapassagem do limite do discurso e no alcance de uma reflexão que fizesse o discurso ser compreendido e incorporado pelo sujeito que com ele se depara. A diferença está no intuito, discursar ou tornar compreensível e vívido o discurso àquele que o procura. Nesse texto, Gramsci não estava preocupado somente em denunciar a imprensa burguesa, ou ainda conduzir os assinantes do *Avanti!* ao boicote a esses veículos, mas refletir

sobre o sentido dessa imprensa e o porquê de ela receber a assinatura de tantos trabalhadores (Gramsci, 1976).

Há educação, não propedêutica, nessa forma de comunicação, o que faz do trabalho de Gramsci na imprensa operária um exemplo de intervenção pedagógica sobre as classes subalternas de trabalhadores. Gramsci não somente denuncia fatos, mas apresenta contradições que convêm aos leitores, questiona as suas atitudes perante as contradições apresentadas, reflete sobre como a consciência coletiva proletária se convence da necessidade da imprensa burguesa, expõe uma alternativa e reclama suas adesões (Gramsci, 1976).

O método maiêutico de sua didática é observado no diálogo que estabelece com o leitor quando o introduz ao texto. Texto, por sua vez, que adquire, ao mesmo tempo, um formato de relato de processo educativo e um formato propriamente educativo, quando, na sequência de uma afirmação, Gramsci questiona e responde a partir da introdução do ponto de vista do trabalhador, leitor e sujeito aprendente:

Centenas de milhares de operários contribuem regularmente todos os dias com o seu dinheiro para o jornal burguês, aumentando a sua potência. Por quê? Se perguntarem ao primeiro operário que encontrem no elétrico ou na rua, com a folha burguesa desdobrada à sua frente, ouvirão esta resposta: “Porque tenho necessidade de saber o que há de novo.” E não lhe passa sequer pela cabeça que as notícias e os ingredientes com os quais são cozinhadas podem ser expostos com uma arte que dirija o seu pensamento e influa no seu espírito em determinado sentido. E, no entanto, ele sabe que tal jornal é conservador, que outro é interesseiro, que o terceiro, o quarto e o quinto estão ligados a grupos políticos que têm interesses diametralmente opostos aos seus. Todos os dias, pois, sucede a este mesmo operário a possibilidade de poder constatar pessoalmente que os jornais burgueses apresentam os fatos, mesmo os mais simples, de modo a favorecer a classe burguesa e a política burguesa com prejuízo da política e da classe operária [...]. (Gramsci, 1976, p. 96).

Tal a forma encontrada por Gramsci para chamar a atenção, daquele que o lê, da arte que influi sobre o pensamento do trabalhador e lhe guia o espírito, da força de convencimento e persuasão existente nos jornais burgueses, do influente papel da imprensa no determinismo e na fixação dos interesses dos grupos sociais dominantes (Gramsci, 1976). Não recorre à denúncia explícita, que poderia afastar ou causar estranhamento ao leitor, preferindo introduzi-lo no texto enquanto personagem e reproduzir uma possível resposta sua para o problema apresentado.

Gramsci induz, como um mestre, a chegada do conhecimento a partir da experiência do seu leitor, representada pela necessidade de o trabalhador se manter antenado às novidades pelos veículos propagandísticos da burguesia. Somente com base nessa experiência, em contraproposta à fórmula propedêutica observada, por exemplo, nas Universidades Populares, é que acrescenta uma dose de conhecimento, relacionada ao caráter ideológico assumido por esses veículos para a conservação dos valores sociais dos grupos dominantes. A luta contra a absolutização desses valores é o que guia, em certa medida, grande parte dos seus textos, bem como o que joga luz a uma reflexão que parta da

subjetividade das classes trabalhadoras como fundamento do trato com o conhecimento sistematizado, e não o seu oposto.

Escuta e do diálogo na relação entre mestre e aluno

Na contramão da afirmação de uma linearidade sobre o processo de ensino e aprendizagem, a escuta e o diálogo, por esta propiciado, possibilitam a ampliação da relação estabelecida entre mestre e aluno a uma medida de identificação a esse mesmo processo. Se a linearidade pode, tanto ao mestre quanto ao aluno, causar estranhamento ao processo de ensino e aprendizagem, a identificação possibilitada pela escuta e pelo diálogo entre ambos permite substituir o que se fazia rígido, linear e uniforme, por um novo dinâmico, complexo e distinto.

O dinamismo, a complexidade e a distinção, para Gramsci, representam a diversidade contida nas experiências e subjetividades das classes trabalhadoras, que jamais deve ser negada, ao contrário do que pretendiam os organismos burgueses italianos de instrução dessas classes, do ponto de vista político-pedagógico. Sua particularidade demarca outro importante elemento a ser considerado, a partir da ótica gramsciana, para pensar a educação das classes trabalhadoras.

O dinamismo, a complexidade e a distinção representativos da diversidade, considerados pressupostos fundamentais para a educação dessas classes, são chaves de leitura do modo como se afirmaram algumas das experiências pedagógicas, mobilizadas por Gramsci e companheiros. A relação fomentada nos muitos espaços de estudos e debates, bem como nos pronunciamentos em conferências e nas redações dos jornais operários, expressava o valor da escuta e do diálogo de Gramsci, e também seus companheiros, com as classes trabalhadoras, na condição de aprendizes. Não deixavam de considerar, no entanto, a dupla função contida nessas ações e assumidas por essas classes, de aprendizagem, mas também de ensino. À medida que Gramsci prezava a escuta, também aprendia com os seus aprendizes, na condição de ouvintes ou leitores, bem como apanhava elementos de suas experiências, enriquecidas de ensinamentos, para a condução do diálogo.

Esse esforço representa, na contraposição da unilateralidade contida nos organismos burgueses de instrução das classes trabalhadoras, uma alternativa encontrada por Gramsci para o combate ao estranhamento dessas classes, derivado do modo como o conhecimento era transmitido, com uma concepção de mundo representativa dos seus valores e interesses.

A compreensão da educação como manifestação da liberdade, influente ao trabalho de Gramsci de instrução das classes trabalhadoras, caminha ao lado de seus escritos e de suas práticas no ano de 1917. Num dos primeiros textos desse ano, publicado no dia 4 de janeiro e intitulado “Sobre a exposição ao círculo de artistas”⁹, essa compreensão aparece como elemento da crítica às artes plásticas de seu tempo, manifestas em números de uma exposição instalada naquele início de ano em Turim e orientadas a padrões estéticos formais.

Para compreender o fenômeno artístico, Gramsci aproxima, nesse escrito, as noções de vocabulário e linguagem respectivamente ao processo educativo e à manifestação da liberdade.

Distingue ambas, inicialmente, a partir da seguinte metáfora croceana: “O vocabulário é um museu de cadáveres embalsamados, a linguagem é a intuição vital que dá a esses cadáveres nova forma, nova vida ao criar novas relações, novos períodos em que palavras isoladas recuperam seu próprio e atual significado” (Gramsci, 1980, p. 683, tradução minha).

Ao mestre, continua Gramsci, cabe ensinar o vocabulário de modo a possibilitar ao aluno (no texto “discípulo”) constituir a sua linguagem particular. Tal constituição toma o sentido da liberdade, do reconhecimento de si no processo de instrução, aprendizado do vocabulário e, no produto, consolidação da linguagem artística. Do mesmo modo como recrimina a tendência enciclopedista das Universidades Populares, também o faz com a exposição ao círculo de artistas, confrontando sua tendência expressiva ao vocabulário:

O caráter desses exercícios [da exposição ao círculo de artistas], necessariamente genéricos, tal como genérico é o vocabulário, consiste na imitação. [...] A natureza é repetida, ou o que se entende por natureza. [...] O conteúdo se apodera da forma. A ação supera a cor, o gesto exterior supera a plástica, o relevo. O estado mental genérico domina a individualidade. São sorrisos, tardes, tristezas, tempestades, céus, minuciosamente estudados, nos quais procuramos condensar o que se pode ver nos vários sorrisos, nas várias tardes, nas várias tristezas etc. Há frequentemente um vago sentimentalismo que permaneceria como é mesmo se a pintura fosse fotografada ou reproduzida em tricomia num cartão postal ilustrado. E a maior ou menor habilidade é mostrada no maior ou menor uso dos tons que devem contribuir para o efeito final.
[...] Possuir todo o vocabulário certamente não significa ser um escritor completo. Saber encontrar todas as nuances de uma tonalidade de colocação complexa certamente não significa ser um pintor completo (Gramsci, 1980, p. 684-685, tradução minha).

A crítica à exposição permite compreender como, para Gramsci, o artista plástico rico em vocabulário é o mesmo sujeito que, no curso do processo educativo, disciplina-se para o alcance do conhecimento, mas não é provocado pelo mestre a se reconhecer no processo e no produto alcançado (Gramsci, 1980). As Universidades Populares buscavam educar os trabalhadores turinenses nesse sentido genérico de educação, baseado na imitação e reprodução. Era contra esse sentido, bem como a toda forma determinista de avaliar e intervir sobre o real, que Gramsci se posicionava. Era contra esse sentido que a sua investida sobre a educação de trabalhadores, em diversas experiências pedagógicas, expunha-se.

Lugares de prática para distintas iniciativas pedagógicas

Interessante observar, também, como lição das experiências pedagógicas de Gramsci, como das características de escuta e diálogo nasce a importância da percepção dos lugares de prática para a educação de trabalhadores. Trata-se do quarto, e último, elemento por este arrazoadado apreendido, para se pensar a educação das classes trabalhadoras do ponto de vista deste intelectual.

Tal percepção é o que o fez julgar apropriado, em certos espaços em que estabelecia contato com essas classes, um trabalho de educação orientado à propaganda evangélica, e noutros, outro de criação. A distinção entre ambos os tipos de trabalho, em realidades abarcadas por determinações históricas díspares entre as classes trabalhadoras, permite refletir sobre como vale, como instrução metodológica, reconhecer os limites da orientação do trabalho político-pedagógico para essas classes nos diversos ambientes e contextos em que elas se encontram.

A condução de um trabalho político-pedagógico para as classes trabalhadoras se orienta, portanto, ao limite imposto pelas condições objetivas em instante e realidade particulares. Não se deve esquecer, no entanto, que o limite das condições objetivas não pode interferir no propósito, também derivado das experiências de Gramsci, da justaposição entre princípio educativo e afirmação de interesses das classes trabalhadoras.

A mesma capacidade de compreender lugares de prática como representativos de distintos tipos de trabalho com a educação de trabalhadores também pode ser enxergada do ponto de vista da distinção entre educação desinteressada e educação interessada. O modo pelo qual a possibilidade e a realidade podem, na transição de protagonismos, ser apanhadas do curso histórico do trabalho educativo de Gramsci com as classes trabalhadoras ensina como o lugar de prática e suas determinações condicionam, e devem ser postos em causa aos que se propõem a trabalhar com a instrução dessas classes, o processo e o produto do trabalho idealizado ou desenvolvido.

O interesse ou o seu oposto, o desinteresse, que podem adjetivar o trabalho educativo idealizado ou desenvolvido para as classes trabalhadoras, ou ainda, dentro da primeira alternativa, o interesse condicionado à propaganda evangélica ou condicionado ao trabalho de criação, implicam o entendimento sobre como a percepção do lugar de prática se faz fundamental.

Gramsci entendia que o trabalho educativo deveria ser exercido em muitas frentes, e nesse fazia-se mister o cuidado com a comunicação para o alcance das diferentes experiências dos sujeitos aprendentes. Por isso, compara, por exemplo, a figura de Serra ou De Sanctis, em texto já feito menção, intitulado “A luz que se apagou”, à de Francisco de Assis, frade católico italiano que, contra o teologismo doutrinário da Escolástica, fez “[...] renascer em cada alma a divina embriaguez” (Gramsci, 2022, p. 208), acatou o valor do sentimento e da fé nas experiências dos sujeitos e lhes ensinou o conhecimento religioso.

Buscava convencer grupos subalternos distantes por não os compreender diferentes, mas separados por concepções de mundo distintas. Sabia que a educação tinha forças para aproximar o ideal desses grupos, mesmo com cultura, linguagem e experiências distintas, e por isso apostava na comunicação a partir dos diferentes lugares de prática. Battista Santhià, reconhecido pela participação ativa no movimento partidário turinense, à época filiado ao partido socialista e entusiasta do trabalho de Gramsci, recorda:

Um dia fui ao jornal e o encontrei conversando com três ou quatro “pacifistas” [...]. Parei e ouvindo a discussão deles entendi que eram católicos. Quando fui mais tarde na casa de Gramsci o cumprimentei brincando fazendo o sinal da cruz e ele reagiu nervoso. Então me explicou, e queria que eu entendesse: “Eles são contra a guerra. Mas quantos como eles você encontra na fábrica e na sua vizinhança? Se quisermos fortalecer o movimento antiguerra, temos que nos relacionar com todos, e não apenas com os socialistas registrados ou com os membros de nossos círculos!”. Em suma, ele me deu uma palestra sobre a necessidade de não azedarmos as relações entre nós e os trabalhadores católicos.

Ele sabia de minhas origens de Vercelli e tentou me fazer refletir sobre minhas experiências diretas: “Quando há uma greve dos arrozeiros devem participar, e entre eles estão os que vão à igreja e os que não vão. O que você tem feito ao seu país para combater os fura-greves do campo?” (Quercioli, 1977, p. 100-101, tradução minha).

O relato demonstra como, para Gramsci, mesmo o espaço de um diálogo de rua se tornava lugar de prática para a educação de trabalhadores, distantes ou não de sua concepção de mundo. O modo como Gramsci problematiza o ocorrido, partindo das experiências do amigo e aprendiz (Quercioli, 1977), é o meio viabilizado pelo mestre mistagogo, expresso em “A luz que se apagou”, para o alcance da consciência crítica do sujeito que procura aprender. A relevância do texto publicado em *Il Grido*, complementado pelo depoimento de Santhià, está na crítica da razão formal, das perspectivas de ciência e de arte, que tornavam inconciliável o contato entre grupos de trabalhadores com experiências, sentimentos ou fé distintas.

Breves considerações

Não há como desvincular, a partir das experiências de Gramsci com a educação das classes trabalhadoras, os quatro elementos desenvolvidos neste texto. A orientação ao interesse, a superação de uma concepção pedagógica propedêutica, o papel da escuta e do diálogo e a percepção dos lugares de prática são, para o trabalho pedagógico orientado aos grupos trabalhadores, indissociáveis e igualmente relevantes. Esses elementos carregam particularidades, observadas em textos jornalísticos e depoimentos sobre Gramsci relacionados ao intervalo entre os anos de 1915 e 1917, um propósito singular: a possibilidade de conduzir os grupos de trabalhadores italianos à consciência de seu potencial histórico e social, na construção de um projeto de sociabilidade que se opusesse à privatização dos meios de produção e às desigualdades e contradições enquanto marcas da barbárie.

Traços menos idealistas e, contrariamente, mais centrados em processos revolucionários de ordens socialista e comunista, aparecem em textos mais recentes de Gramsci, não abordados por este arrazoado. Não significa dizer, no entanto, que desde os seus primeiros escritos, dentre os aqui destacados, Gramsci já não deixasse evidente um espírito de cisão marcado pela defesa dos direitos das classes trabalhadoras, dentre os quais uma educação desprovida de qualquer determinismo que se posicionasse contra a sua liberdade. Ao resgate desse imperativo, de uma educação para os trabalhadores como prática da sua condição de liberdade, dedicaram-se os elementos explorados neste trabalho.

Referências:

- BALDACCI, Massimo. **Oltre la subalternità: praxis e educazione in Gramsci**. Roma: Carocci, 2017. 275 p.
- BENEDETTI, Giuseppe; COCCOLI, Donatella. **Gramsci per la scuola: conoscere è vivere**. Roma: L'Asino D'oro, 2018. 317 p.
- D'ORSI, Angelo. **Gramsci: uma nova biografia**. Traduzido por Cristina Bezerra. São Paulo: Expressão Popular, 2022. 464 p.
- FIORI, Giuseppe. **A vida de Antonio Gramsci**. Traduzido por Sergio Lamarão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 365 p.
- FRESU, Gianni. **Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual**. Traduzido por Rita Matos Coitinho. São Paulo: Boitempo, 2020. 424 p.
- GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos: 1921-1926**. v. 2. Organizado e traduzido por Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b. 522 p.
- GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos**. v. 1. Traduzido por Manuel Simões. Lisboa: Seara Nova, 1976. 359 p.
- GRAMSCI, Antonio. **Cronache Torinesi: 1913-1917**. Organizado por Sergio Caprioglio. Roma: Giulio Einaudi Editore, 1980. 936 p.
- GRAMSCI, Antonio. **Antonio Gramsci: escritos escolhidos (1915-1920)**. Organizado e traduzido por Anita Helena Schlesener e Ana Paula Schlesener. Marília: Lutas Anticapital, 2022. 262 p.
- MAIA, Júlio César Apolinário. **Antonio Gramsci e a educação de trabalhadores: um estudo de tradutibilidade e filologia a partir dos escritos jornalísticos**. 2024. 204 f. Tese (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024.
- MAIA, Júlio César. **Antonio Gramsci e a educação de trabalhadores** [no prelo]. Goiânia: Editora IF Goiano, 2026. *E-book*. 222 p.
- MAYO, Peter. **Gramsci, Freire e a educação de adultos: possibilidades para uma ação transformadora**. Traduzido por Carlos Alberto Silveira Netto Soares. Porto Alegre: Artmed, 2004. 189 p.
- QUERCIOLO, Mimma Paulesu. **Gramsci vivo: nelle testimonianze dei suoi contemporanei**. Milano: Feltrinelli Editore, 1977. 242 p.
- TRAMMA, Sergio. (Org.). Introduzione. In: GRAMSCI, Antonio. **Educare nel mondo grande e terribile: scritti pedagogici**. Roma: PGreco, 2022, p. 9-26.

Notas

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor na Unidade Universitária de Itumbiara da Universidade Estadual de Goiás (UEG UnU-Itumbiara). Membro do Serrado - Grupo de estudos críticos em Educação Física e sociedade (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1974259877886481>). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1566093335953705>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7162-2136>. E-mail: jcesarm@outlook.com.

² Do acervo bibliográfico-documental que compõe a tese, mobiliza-se, para o recorte do presente artigo, um conjunto de textos pré-carcerários consultado em de Gramsci (1976, 1980, 2022).

³ Em Gramsci, “propaganda evangélica” designa a fase inicial de difusão elementar dos princípios socialistas entre as massas. Para maior apropriação do conceito, conferir crônica do número 9 assinada por Antonio Gramsci e originalmente publicada em *L'Ordine*, número 9, em 12 de julho de 1919 (Gramsci, 1976). No âmbito da educação de trabalhadores, o termo é empregado metaforicamente para indicar iniciativas pedagógicas voltadas à divulgação e assimilação inicial dessas ideias, etapa preliminar à crítica e à organização.

⁴ Em Gramsci, a noção de “personalidade histórica” refere-se ao processo pelo qual uma classe social adquire consciência de sua autonomia e de seu papel na história, constituindo-se como sujeito coletivo capaz de formular

e dirigir um projeto político próprio. Conferir, para melhor compreensão, escrito “Controle operário”, não assinado e originalmente publicado em *L'Ordine* em 10 de fevereiro de 1921 (Gramsci, 2004).

⁵ Não assinado e originalmente publicado no *Avanti!*, número 355, em 29 de dezembro de 1916 (Gramsci, 2022, p. 228-232).

⁶ Gramsci criticava o caráter estritamente propedêutico assumido por algumas experiências de educação de trabalhadores, sobretudo quando marcadas pelo enciclopedismo e pela transmissão fragmentária de conteúdos. Tal crítica pode ser observada, por exemplo, no já referido texto “A Universidade Popular” (Gramsci, 2022).

⁷ Assinado por Alfa Gamma e originalmente publicado em *Il Grido*, número 591, em 20 de novembro de 1915 (Gramsci, 2022, p. 207-211).

⁸ Não assinado e originalmente publicado no *Avanti!* em 22 de dezembro de 1916 (Gramsci, 1976, p. 95-97).

⁹ Não assinado e originalmente publicado no *Avanti!*, número 4, em 4 de janeiro de 1917 (Gramsci, 1980, p. 683-686).

Recebido em: 19 de jan. 2025

Aprovado em: 17 de mai. 2026